

Artigo recebido em:

04.02.2017

Aprovado em:

02.12.2017

A entrevista no jornalismo brasileiro: uma revisão de estudos¹

Fabio Henrique Pereira

Professor adjunto da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília - UnB. É doutor em Comunicação pela UnB com estágio de doutoramento (doutorado-sanduíche) na Université de Rennes 1 (França).

E-mail: fabiop@gmail.com.

Fabio Henrique Pereira

Resumo

O artigo analisa a entrevista jornalística como objeto de pesquisa. A partir de uma revisão da literatura publicada no Brasil, foram mapeados quatro conjuntos de abordagens em relação à entrevista: literatura de caráter técnico-normativo em torno das tipologias de entrevistas e das normas para a condução dessa interação; trabalhos de ambição histórico-arqueológica em que a entrevista é associada ao desenvolvimento do jornalismo de informação no Brasil; pesquisas que analisaram as interações entre entrevistador, entrevistado e público; e estudos sobre as modalidades de restituição dessas conversas. A revisão mostra que a entrevista jornalística é ainda um objeto explorado de forma superficial pelos estudos de comunicação no Brasil. Parte da bibliografia reforça uma leitura técnica e normativa da entrevista. Ou ela é vista como o ponto de partida para uma discussão mais ampla sobre a prática jornalística, a relação entre jornalistas e fontes, para questionar ou reforçar o papel do jornalista-entrevistador como representante do interesse público.

Palavras-Chave: Jornalismo. Entrevista. Revisão de literatura.

Abstract

This paper analyses journalistic interview as a research subject. After conducting a review of the Brazilian literature on this subject, we found four main approaches: the technical-normative literature on the typologies and norms to conduct this interaction; works with an historical-archeological ambition in which the interview is associated to the development of information journalism in Brazil; studies that analyze the interactions between interviewer, interviewee and public; and studies on the way these conversations are restituted. This review points out that journalistic interview is briefly covered by the communication studies. Some publications often reinforces a technical and normative interpretation of the interview. On other hand, interview is seen as a departure point to a larger discussion on journalism practice and on journalism-sources relationships. These studies seek to question or reinforce the journalist- interviewer's role as a representative of public interest.

Keywords: Journalism. Interview. Literature review.

¹O conteúdo deste artigo foi originalmente apresentado em fevereiro de 2016 no Seminário *Cultures nationales de l'interview médiatique*, CELSA Paris-Sorbonne. O texto integral do artigo, contudo, nunca foi publicado.

A entrevista teve um papel importante na construção e na legitimação da prática do jornalismo informativo em diferentes países. Reivindicada pelos jornalistas como parte do seu repertório técnico, ela teria participado do processo de construção e afirmação da identidade profissional do grupo (RUELLAN, 1993). A entrevista também teria colaborado para a instituição de um novo regime discursivo no jornalismo calcado nas noções de “objetividade” e de produção da “verdade” (MAROCCO, 2011) – num processo de apagamento da opinião do jornalista que delegaria à fonte-entrevistado a função de testemunhar ou comentar um evento.

Apesar disso, a entrevista ainda costuma ser analisada de forma fragmentada pelos pesquisadores no Brasil. Muitas vezes, o próprio esforço de definição dessa prática esbarra no tom normativo dos manuais (de redação ou de ensino) e das tipologias propostas por alguns autores. Em outros momentos, a entrevista aparece como corpus de pesquisa, mas em estudos de caso sobre a cobertura jornalística de eventos ou de personagens específicos. De fato, poucos estudos questionam a entrevista como prática jornalística, como modalidade de gestão e de restituição das interações entre jornalistas e fontes. Por isso o interesse de apresentar um trabalho mais sistemático de revisão e resgate de estado da arte dos textos que trataram da entrevista jornalística no Brasil.

Nosso objetivo aqui é mapear esses trabalhos e a forma como esse objeto será interrogado a partir de diferentes perspectivas teórico-metodológicas. Buscaremos, com isso, construir um quadro mais amplo, capaz de servir como ponto de partida para estudos posteriores sobre a entrevista jornalística.

Para a realização deste estudo, recorreremos a três estratégias de recuperação do material a ser analisado: 1. Pesquisa por artigos publicados em português em bases de dados multidisciplinares (Periódicos Capes, Scielo e Google Acadêmico); 2. Pesquisa direta por artigos em periódicos nacionais reconhecidos na área da Comunicação (*Intercom, E-compós, Galáxia, Famecos, Matrizes*) e do Jornalismo (*Brazilian Journalism Research, Estudos em Jornalismo e Mídia*); 3. Leitura de livros e manuais de jornalismo². Mesmo admitindo algumas lacunas, por exemplo, no que diz respeito às teses e dissertações publicadas sobre o tema, conseguimos recuperar parte do conhecimento qualificado na área e que consistia, em fevereiro de 2016, em pouco mais de 20 textos que tratam diretamente da entrevista jornalística.

Esta revisão de estudos está dividida em três partes. A seguir, analisaremos a forma como a literatura de caráter técnico-normativo buscou definir a entrevista jornalística, suas tipologias e normas para a condução da conversação. Ainda nesse esforço de definição, apresentaremos trabalhos de ambição histórico-arqueológica em que a prática da entrevista é associada ao desenvolvimento do jornalismo de informação no Brasil. Em seguida, apresentaremos os trabalhos que analisaram a entrevista enquanto interação entre entrevistador, entrevistado e público. Finalmente, trataremos dos estudos em torno das modalidades de restituição dessas conversas.

²O autor gostaria de agradecer Amanda de Miranda, que partilhou parte dos livros utilizados na análise.

Definição e tipologias da entrevista jornalística

O termo entrevista jornalística faz referência a duas práticas (TRAVANCAS, 2012). Ela pode estar ligada ao procedimento de apuração “junto a uma fonte capaz de diálogo” (LAGE, 2001, p. 73). Ou seja, ela envolveria a obtenção de respostas pré-pautadas por um questionário ou roteiro (FÁVERO & ANDRADE, 1998; FRANÇA e TRINDADE, 2009) com um personagem que seja notável ou possua informações de interesse público (LAGE, 2001). Mas a entrevista também pode fazer referência a um gênero jornalístico em que a apresentação das informações se estrutura pelo modelo de pergunta-resposta (MARQUES DE MELO, 1985; SEIXAS, 2009).

Essa imprecisão conceitual é reproduzida em boa parte dos estudos analisados, que nem sempre se preocupam em precisar qual a definição de entrevista eles fazem referência. Também está presente nas diversas classificações dos tipos de entrevistas apresentadas pelos manuais da área. Assim, algumas tipologias se concentram nas modalidades de condução da interação, como faz Lage (2001), ao utilizar uma classificação baseada nas circunstâncias de realização dessa prática: confrontacional, ocasional, coletiva e dialogal. Em outros momentos o foco está nos temas abordados pelas entrevistas. É o que faz Medina (1988), ao dividi-las nos subgêneros espetacularização – ou seja, que possui ênfase no pitoresco, no inusitado – e conceitual, em referência a enquetes de investigação, controvérsias, polemizações, perfis humanos, etc.

Outras tipologias englobam indistintamente os procedimentos de apuração, o conteúdo da entrevista e as formas de restituição dessa interação. É o que propõe, por exemplo, Nilson Lage (2001) ao classificar as entrevistas: em ritual (brevíssima, feita em pé para coletar uma declaração), temática (em que a fonte fala sobre um assunto que domina), testemunhal (quando o tema da entrevista é algo que a fonte testemunhou), e em profundidade (cujo foco está na figura do entrevistado).

Além das dificuldades de definição e classificação da entrevista, os manuais, e mesmo alguns trabalhos acadêmicos, costumam mesclar o debate de fundo, relacionado à função social da entrevista, a questões mais superficiais, como as condições de interação com o entrevistado, a formatação gráfica do material produzido e a utilização dos aparatos de auxílio, como gravadores e câmaras (BONINI, 2000). A forma como essas duas dimensões aparecem na literatura serão discutidas a seguir.

Como fazer uma “boa” entrevista

Em uma revisão bibliográfica realizada com base nos manuais de telejornalismo, Emerim (2008) mostra que, ao se centrar no “como fazer” uma “boa” entrevista, esse tipo de literatura acaba por enfatizar uma visão normativa e ideológica do jornalismo. A autora cita uma série de postulados que costumam aparecer nesses manuais: a importância do trabalho em equipe, do uso das imagens, a busca por uma linguagem coloquial, as formas “corretas” de introduzir perguntas e conduzir a interação, o uso do microfone e as técnicas de captação de imagens, a gestão do tempo de uma entrevista, a importância do preparo do entrevistador em relação aos assuntos abordados, o perfil do entrevistado. Menciona ainda a existência de regras para a seleção, a postura e o comportamento dos entrevistados, incluindo vestimenta e gestual e a importância de familiarizar os entrevistados com os dispositivos técnicos, rotinas, linguagens. Ela destaca ainda questões de ordem deontológica abordadas por esses manuais: manter uma postura de isenção e objetividade durante a condução da entrevista, não aceitar interferência das assessorias de imprensa, nem negociar a versão final que será exibida, divulgar desde o início o propósito das entrevistas, não distorcer as respostas dos entrevistados, etc.

Esse tom normativo pode ser ilustrado com exemplos retirados diretamente de alguns manuais. Thaís Oyama (2014), por exemplo, inicia seu livro *A arte de entrevistar bem* estabelecendo uma espécie de postulado geral sobre a função dessa prática no jornalismo: boas reportagens dependeriam de boas entrevistas, o que requer boas condições de realização, bem como a “qualidade” da fonte a ser entrevistada. No que se refere ao primeiro requisito, os manuais e parte da literatura acadêmica chamam a atenção para a importância de o jornalista estar bem preparado para a entrevista (MEDINA, 1986; PRADO, BRASLAUKAS & FLORESTA, 2009). Isso pode ser ilustrado com um trecho do *Novo Manual da Redação da Folha de S. Paulo* (1996, online):

O segredo de uma boa entrevista está na elaboração de um bom roteiro. Levante sempre o máximo de informações sobre o entrevistado e o tema de que ele vai falar. Com esse material em mãos, reflita sobre o objetivo a que pretende chegar. O melhor caminho é redigir perguntas tão específicas quanto possível. Perguntas muito genéricas resultam em entrevistas tediosas (p.1).

Uma boa preparação seria uma forma de demonstrar respeito pela fonte. Também garantiria originalidade à matéria, pois o repórter poderia abordar assuntos ainda não explorados em outras entrevistas (PRADO, BRASLAUKAS & FLORESTA, 2009). Além disso, sem uma preparação adequada, corre-se o risco de “o entrevistador chegar completamente desarmado, ingênuo ou autoritário (crente que sabe tudo) diante do seu entrevistado” (MEDINA, 1986, p. 28).

Não há consenso na bibliografia analisada em relação à postura do entrevistador. Alguns autores defendem uma abordagem mais ativa, quase agressiva. Para Lage (2001, p. 81), é preciso “manter o comando da conversa, impedindo que ela não se desvie do tema”. Ricardo Noblat (2003) reforça esse tipo de posicionamento recorrendo à imagem do jornalista como fiscal do poder, o que justificaria todo tipo de pergunta, incluindo as inconvenientes. Fávero e Andrade (1998 p. 170) segue essa linha ao afirmar que “o entrevistador deve ser ágil e perspicaz para que a entrevista transcorra de modo a conseguir efeitos positivos. Não se pode esquecer que ele precisa captar a indagação do telespectador, já que este é o elemento fundamental para que se leve a entrevista ao ar”.

Outros autores preferem criticar o tom agressivo ou autoritário dos jornalistas, insistindo na ideia de que entrevista deve valorizar o pensamento do entrevistado e a exposição de ideias (MEDINA, 1986; BAZI, ROLDÃO & BENEDITO, 2015). De modo geral, esse tipo de abordagem vai frequentemente associar a entrevista à promessa de efetivação do debate público (SILVA, 2013) e de democratização do acesso aos meios de comunicação pelos entrevistados (MEDINA, 1986; 1988). Medina chega a defender a construção de um “diálogo” entre o jornalista e o seu interlocutor como pré-requisito para que a entrevista adquira a sua plenitude. Na mesma direção, Campos (2009) menciona a necessidade de construir uma boa relação com as fontes e de se fazer um registro rigoroso dos elementos que compõem a interação, como o cenário da entrevista, o comportamento e as reações do entrevistado, etc. – particularmente em entrevistas feitas em reportagens de jornalismo literário.

A entrevista e a socio-história do jornalismo político no Brasil

Fazer uma “boa entrevista” vai além da dimensão imediata do domínio da técnica, mas seria um pré-requisito para que o jornalismo possa exercer a sua “função social”. O interessante, neste caso, é a forma como leituras às vezes díspares sobre a condução de uma entrevista, conforme discutido na seção precedente, se amparam no mesmo ideal do compromisso do jornalista com o seu leitor, seja questionando (e eventualmente pressionando) a fonte sobre questões de interesse público, seja dando espaço nas entrevistas para apresentação de pontos de vista distintos e para a promoção do debate de ideias.

Seguindo essa linha, alguns autores farão um esforço de associar a entrevista ao processo histórico de construção do jornalismo brasileiro (ALBUQUERQUE, 2013; SILVA, 2013), sublinhando a relação entre os jornalistas e os atores do campo político. Assim, em um estudo sobre as entrevistas do *Jornal Nacional* da Rede Globo com os candidatos à presidência da República em 2010, Albuquerque (2013) mostra

como os entrevistados serão colocados em segundo plano no debate, na medida em que o espaço de protagonismo é reivindicado pelos jornalistas, representantes do interesse público. Segundo o autor, essa postura se ampararia na apropriação à brasileira da noção de jornalismo como um 4º poder, cujo papel iria além da fiscalização do governo, mas se dedicaria também a preencher as lacunas abertas pela fragilidade das instituições políticas: “O exercício desse papel se configuraria na figura do líder de opinião, responsável por esclarecer o público sobre a verdadeira natureza dos problemas enfrentados pelo país e os melhores caminhos a serem seguidos para resolvê-los” (ALBUQUERQUE, 2013, p. 91).

Essa é a mesma conclusão de Silva (2013), ao propor uma análise sócio-histórica da construção da entrevista jornalística no Brasil. O objetivo é entender como ela vai incorporar alguns valores da profissão, em especial a noção de vigilância. Partindo desta perspectiva, a autora reforça a hipótese de Albuquerque sobre a reivindicação do papel de moderador pela mídia brasileira em um momento de fragilidade das instituições políticas. Esse processo se inscreveria no contexto de redemocratização da sociedade e de abertura ao debate de ideias, mas também de proximidade dos jornalistas com os atores do campo político.

Finalizando este primeiro nível de análise, podemos concluir que o esforço de definição e caracterização da entrevista pela literatura acadêmica e profissional é marcado por três características: 1. Pela imprecisão conceitual na definição dessa prática o que se reflete nas tipologias e classificações apresentadas; 2. Pelo tom normativo desses trabalhos, expresso pela ênfase dada aos procedimentos e práticas que permitem fazer uma “boa entrevista”; 3. Pela forma como a noção de interesse público (e suas variações) será constantemente articulada como justificativa ou explicação para certas práticas que permitiram a construção de uma entrevista jornalística *à brasileira*.

A entrevista como interação

Agrupamos nesta seção os trabalhos que analisam a entrevista como um ato de interação. De modo geral, eles fazem uso de abordagens pragmáticas e sociológicas aplicadas à compreensão da microgestão dessas interações – sobretudo a partir do pensamento de Goffman (1973) – e das relações de poder envolvidas na dinâmica entrevistador-entrevistado. Duas questões parecem orientar esse conjunto de estudos: as modalidades de participação dos atores sociais nas entrevistas e a gestão das situações de interação pelos participantes.

As formas de controle da entrevista pelos jornalistas

Segundo Essensfelder (2005), a entrevista jornalística consiste em uma situação intermediária entre as interações face a face, baseadas no uso prototípico da língua – pois a entrevista requer, de certa forma, um pré-planejamento –, e a interação escrita. Ela envolveria pelo menos três diálogos: entrevistado-entrevistador, entrevistado-audiência e entrevistador-audiência. Vários autores mencionam o caráter assimétrico desse tipo de interação (ESSENFELDER, 2005; FÁVERO & ANDRADE, 1998; MAROCCO, 2011), pois é o entrevistador quem define as temáticas e controla o tempo de fala do entrevistado – algo que foi denunciado também por Bourdieu (1997) em *Sobre a Televisão*, ao discutir o papel do apresentador na mediação dos debates intelectuais na TV. Mesmo que admitam a possibilidade de alteração ou mesmo de inversão desses papéis, tais estudos se dedicam a desvendar as estratégias utilizadas pelos jornalistas para manter o controle de uma entrevista.

Duas pesquisas sobre entrevistas conduzidas em contextos de cobertura eleitoral ilustram essa perspectiva. Em sua análise sobre a série de entrevistas realizadas pelo *Jornal da Nacional* com os candidatos à presidência nas eleições de 2014, Bazi, Roldão e Benedito (2015) mostram que, a despeito das regras rígidas instituídas pela Rede Globo, os apresentadores do noticiário tiveram um papel fundamental na condução do debate e na construção de enquadramentos favoráveis a alguns candidatos. Tais enquadramentos estão presentes na forma como certas temáticas foram abordadas pelas perguntas, no tom de voz e na linguagem corporal dos jornalistas, na gestão do tempo, nas eventuais interrupções.

Já Albuquerque (2013) concentra sua análise no teor das questões formuladas pelos apresentadores do *Jornal Nacional* nas eleições presidenciais de 2010. O autor reconhece o esforço do noticiário em formatar as entrevistas dentro de um mesmo padrão, normatizando o tempo destinado a cada candidato, os temas abordados e a ordem das perguntas. A condução das entrevistas revela, contudo, o comportamento autoritário dos jornalistas e sua atitude agressiva frente aos entrevistados. Nesse sentido, Albuquerque destaca as estratégias utilizadas pelo *JN* para controlar os presenciáveis, restringindo o espaço de expressão de opiniões e conduzindo as entrevistas a partir de temáticas consideradas “corretas” pelos apresentadores do telejornal.

Essa mesma relação de assimetria reaparece na pesquisa de Marocco (2011) centrada na entrevista do estilo “confissão”, em que o jornalista conduz o entrevistado a “confessar” algum crime ou desvio. Partindo de uma leitura foucaultiana do fenômeno, a autora reconhece o papel autoritário do jornalista, que exerceria, nesse tipo de interação, o poder de julgar, punir, esquecer, consolar e reconciliar o entrevistado. Marocco, contudo, também entrevê possibilidades de mudança dessa situação. Isso acontece particularmente em confissões feitas pela Internet, que permitem que os sujeitos escrevam sobre si, sem a mediação jornalística. Essa nova prática substituiria o valor da objetividade dos jornalistas por uma nova estética, baseada na emoção.

As formas de gestão da imagem pública na entrevista

Em uma análise de conversação sobre a participação da Fernanda Karina, ex-secretária do publicitário Marcos Valério, condenado por participação no escândalo político do Mensalão³, em três programas de entrevistas (*Programa do Jô*, *Mais Você e Boa Noite Brasil*), França e Trindade (2009) tentam entender as evoluções do gênero em três situações de interação distintas. As autoras atribuem as variações observadas nos três extratos de *corpus* analisados à própria identidade editorial dos programas estudados, que utilizam enquadramentos distintos, associados à personalidade do apresentador. Mas ressaltam também a evolução da personagem Fernanda Karina, que assume progressivamente um papel de protagonismo na cena política brasileira. Finalmente, revelam que as entrevistas acabam obedecendo a dinâmicas pré-definidas, em que o papel do entrevistador já é naturalizado pela audiência e pela entrevistada, que dispõe de pouca margem de manobra para atuar.

Em um trabalho publicado em 1998, Fávero e Andrade propõem um estudo sobre a representação da imagem pública na mídia ao analisar um conjunto de entrevistas televisivas veiculadas em São Paulo. Os autores fazem uso do conceito de estratégias de polidez proposto por Leech (1983 apud FÁVERO; ANDRADE, 1998). Parte-se da ideia de que certas ações podem provocar conflitos de interesse e colocar em perigo a imagem pública do locutor ou do interlocutor. Por conta disso, o jornalista pode fazer uso de recursos de linguagem capazes de amenizar essas ameaças potenciais. Leech relata quatro tipos de ações para gerir a polidez, mencionando seus objetivos: instaurar (agradecer), não interferir (informar), entrar em conflito

³Escândalo de corrupção política mediante compra de votos de parlamentares no Congresso Nacional do Brasil durante o primeiro mandato do presidente Lula. A maior parte da cobertura jornalística se concentrou nos anos de 2005 e 2006. O publicitário e empresário Marcos Valério foi acusado de utilizar de suas empresas para fraudar as transferências de recursos entre os políticos.

(ordenar), inviabilizar o bom relacionamento entre os interlocutores (acusar). Em sua análise, Fávero e Andrade aplicam essas categorias a entrevistas polêmicas e evidenciam o papel do entrevistador na gestão dessas interações pelo recurso à polidez. Este se constituiria em um princípio regulador de condutas, situado no interstício entre a distância social e a interação com o locutor, permitindo, assim, amenizar a tensão e promover a manutenção do equilíbrio social entre os participantes.

Ainda na linha da gestão da imagem pública, mas a partir de uma perspectiva mais dialógica, Essensfelder (2005) trabalha o papel do outro invisível (o público) em uma entrevista jornalística. Neste caso, o pesquisador recorre à análise dos marcadores de conversação, que lhe permitem identificar discursos direcionados a esse receptor indireto em uma entrevista concedida pelo secretário Municipal de Abastecimento e Projetos Especiais do município de São Paulo a um repórter da *Folha de S. Paulo*. É por meio desses marcadores que o jornalista vai reforçar junto à fonte que falas atendem aos anseios do público. O entrevistador também pode recorrer a questões e expressões que buscam clarificar certos pontos em nome dessa mesma audiência. O entrevistado, por sua vez, pode fazer uso do recurso do *off* para distinguir as falas que serão destinadas ao jornalista daquelas direcionadas aos leitores. Essensfelder mostra que, nesse tipo de interação, entrevistador e entrevistado assumem a tarefa de convencer o público. Para isso, assumem papéis que vão da cumplicidade à oposição. A entrevista, por sua vez, oscila entre o consenso e a polêmica.

Finalmente, Bonini (2000) recorre à pragmática textual para analisar uma troca de correspondências realizada durante a realização de uma entrevista por e-mail conduzida com a cantora Rita Lee⁴. Segundo o autor, do ponto de vista institucional, a entrevista atende à maioria dos parâmetros jornalísticos e será efetivamente publicada. Contudo, o autor define a interação como um caso de insucesso comunicativo: a partir de uma divergência da entrevistada em relação a algumas perguntas, os interlocutores iniciam uma discussão que, em alguns momentos, chega a ser áspera. Segundo o autor, as mudanças nas condições de produção da entrevista, pela utilização do e-mail como ferramenta de gestão da interação, explicariam essa situação. De fato, uma entrevista feita via Internet permite que o entrevistado faça uma leitura global do conjunto de questões. As perguntas deixam de ser colocadas como enunciados isolados, tornando-se um texto único, cuja interpretação pelo entrevistado escaparia ao controle do jornalista.

As modalidades de restituição das entrevistas jornalísticas

No que diz respeito às modalidades de restituição das entrevistas, os estudos recenseados aqui se dedicam a analisar as relações entre o conteúdo produzido e o dispositivo semiótico proposto. Eles reforçam o papel do emissor nesse processo e a assimetria em relação à fonte e ao leitor imposta pelo gênero entrevista. Desta vez, contudo, o embate é entre o jornalista-entrevistador e a instituição jornalística enquanto instâncias de enunciação. Outra característica desse conjunto de estudos é a escolha dos objetos. De fato, nos trabalhos analisados nesta seção, observa-se um maior esforço de compreensão dos processos de segmentação ou inovação do gênero entrevista.

Em um artigo publicado em 2010, Silva discute o horizonte valorativo do jornalismo de revistas brasileiro por meio da análise de 52 entrevistas pingue-pongue – ou seja, editadas no formato pergunta-resposta – publicadas em três revistas de circulação nacional no ano de 2006. Em seu estudo, a autora distingue dois tipos de entrevistas, as “nucleares”, que ocupam um espaço nobre nas primeiras páginas das revistas e as “satélites”, publicadas no interior da revista em editorias menos valorizadas.

Segundo Silva (2010), as entrevistas restituídas revelam, na verdade, uma série

⁴A pesquisa analisou uma sequência de quatro e-mails que trataram assuntos relativos à publicação de uma entrevista e foram trocados entre o repórter Osmar Gomes do jornal *A Notícia de Joinville-SC* e a cantora e compositora Rita Lee. O autor da pesquisa destaca particularmente uma das perguntas que parece ter incomodado a entrevistada: quando o repórter menciona que alguns críticos consideram sua produção musical em parceria com o marido (Roberto de Carvalho) “água com açúcar, sem a tradição de um rock and roll de raiz”.

A partir daí as trocas começam a ser cada vez mais ásperas e, em alguns momentos, a entrevistada chega a ser bastante agressiva.

de operações de hierarquização e julgamento de valor. Primeiro, na relação de assimetria entre os entrevistados escolhidos pela revista para exprimirem a sua opinião e os leitores. Na sequência, entre os personagens das entrevistas nucleares, de perfil mais “intelectualizado” (cientistas, políticos, intelectuais, etc.), e os das entrevistas satélites (celebridades instantâneas, anônimos, etc.). Finalmente, na forma como as revistas se utilizaram de mecanismos de valoração axiológica para prestigiar as entrevistas nucleares em detrimento às satélites. Tais mecanismos emergem de indicadores como o conteúdo dos enunciados, a escolha dos jornalistas para as entrevistas, as formas de tratamento dos entrevistados, a modalização do discurso, a transposição da variante linguística pelo entrevistado, etc. A autora conclui afirmando que a entrevista consiste em um discurso de intensificação dos “já ditos” sobre o interlocutor, marcados por formas de valoração que possibilitam desacreditá-lo, contestá-lo, enaltecê-lo, etc.

Em sua análise sobre entrevistas com escritores, Vogel (2005) assume um posicionamento distinto dos demais estudos sobre o gênero, valorizando, desta vez, o papel do entrevistado na produção de sentido. Segundo a pesquisadora, pela própria característica do escritor, a entrevista literária adquire um tom marcado por uma qualidade estética e reflexiva, expressa pelos debates sobre as relações entre a biografia e a obra do entrevistado, bem como os relatos sobre os rituais de escrita enquanto modalidade de ordenação do ideário estético do escritor. Assim, esse tipo de entrevista pode ser considerado um novo texto literário, uma parceria entre o jornalista e o escritor, um “lugar de enunciação criativo e coautorial no âmbito de um meio de comunicação massivo, situado entre a literatura e a informação, como ação articuladora entre ambas” (VOEGEL, 2015, p. 124).

Finalizando esta seção, dois artigos fazem referência às dinâmicas de inovação e hibridização do gênero entrevista. Bonini (2000), no estudo já analisado aqui sobre as dinâmicas de trocas de uma entrevista feita por e-mail, discute as mudanças de ordem convencional implícitas a esse tipo de prática jornalística. O autor acredita que a entrevista por e-mail consistiria em um exemplo de processo de mutação de gêneros, ligado à capacidade de leitura em bloco das perguntas que integram a entrevista. Já Labes e Silva (2014) analisam uma série de *entrevistorietas*, entrevistas desenhadas e publicadas sob a forma de histórias em quadrinhos por Ricardo Siri Liniers no jornal argentino *La Nación* em 2010 e 2011. Neste caso, as autoras falam em hibridização entre os dois gêneros: entrevista jornalística e quadrinhos. As *entrevistorietas* representariam uma alternativa aos modelos convencionais de produção jornalística reforçando a subjetividade e a criatividade do quadrinista-entrevistador, e abrindo espaço para uma espécie de meta-reflexão do jornalismo sobre o ato de realização da entrevista.

Considerações finais

Neste artigo, analisamos, a forma como a entrevista foi debatida pela literatura acadêmica e profissional enquanto prática jornalística, modalidade de interação e gênero textual. Nossa revisão mostra que a entrevista jornalística ainda é tratada de forma superficial pela literatura da área. De fato, os manuais de jornalismo e os textos de caráter pedagógico, costumam reforçar uma leitura técnica e normativa desse objeto. Na literatura acadêmica, ele é visto muitas vezes como o ponto de partida para uma discussão sobre a prática jornalística e a relação entre jornalistas e fontes – e, conseqüentemente, as formas de enquadramento ou construção da realidade social pelo jornalismo. Outros estudos preferem utilizar a entrevista como ponto de partida para analisar, questionar ou reforçar o papel do jornalista-entrevistador como representante do público/do interesse público, de forma a desvelar as relações de poder e dominação implícitas a essa prática. Finalmente, alguns estudos, pretendem mostrar inovações de ordem convencional relacionadas à condução ou restituição dessas interações.

De certa forma, os estudos acadêmicos, com algumas exceções, tratam muito pouco das características específicas da entrevista jornalística, que aparece como um objeto naturalizado pela pesquisa da área. Essas constatações abrem margem para dois possíveis campos de estudo a serem explorados por pesquisadores interessados no tema. Primeiro, análises que busquem questionar o objeto entrevista a partir de uma perspectiva diacrônica, buscando demonstrar as evoluções do gênero ao longo do tempo. Outra possibilidade seria a de escapar de uma abordagem midiocêntrica desse objeto (SCHELINGER, 1992), tomando a entrevista a partir do ponto de vista de outros atores da prática jornalística (particularmente as fontes e os públicos); ou ainda analisando a entrevista com base em abordagens construídas por outras disciplinas, como a Comunicação Organizacional e a Comunicação Política.

Referências

ALBUQUERQUE, Afonso de. Em nome do público: jornalismo e política nas entrevistas dos presidentes ao Jornal Nacional. **E-compós**, v.16, n.2, maio/ago 2013, 23 p. Disponível em: <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/813/661>. Acesso em: 3 fev. 2017.

BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues; ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo; BENEDITO, Fabiana de Oliveira. A entrevista no Jornal Nacional: uma análise comparativa na corrida presidencial de 2014. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 12, n. 1, p. 86-97, abr. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2015v12n1p86>>. Acesso em: 30 dez. 2016.

BONINI, Adair. Entrevista por e-mail: pragmática de um gênero (des)conhecido ou problemas comunicativos na variação do gênero. **Revista de Letras**, Vol. 1, n. 22, p. 5-13, 2000. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revlet-ras/article/view/2167/1639>. Acesso em 3 fev. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.

CAMPOS, Pedro Celso. Gêneros do Jornalismo e técnicas de entrevista. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 6, n. 1, p. 127-141, jul. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2009v6n1p127>>. Acesso em: 30 dez. 2016.

EMERIM, Cárilda. A produção da entrevista na tevê. **Animus**, v. XIII, p. 11-25, 2008. Disponível em: <http://ceisme.fr/equipe/mfch/Animus.pdf>. Acesso em 3 fev. 2017.

ESSENFELDER, Renato. Marcas da presença da audiência em uma entrevista jornalística. **Revista virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. V. 3, n. 4, março de 2005, 23 p. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_4_marcas_da_presenca_da_audiencia.pdf. Acesso em 3 fev. 2017

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira. Os processos de representação das imagens públicas nas entrevistas. In: PRETI,

Dino (Org.). **Fala e escrita em Questão**, Volume 3. São Paulo: Humanitas, 1998, p. 153-177

FOLHA DE S. PAULO. **Novo manual da redação**, 1996. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_producao_e.htm. Acesso em 3 fev. 2017

FRANÇA, Vera Veiga; TRINDADE, Vanessa Costa. Televisão e quadros de sentido: o trabalho de enquadramento em programas de entrevista. **Famecos**, v. 16, n. 38, p. 69- 75, 2009.

GOFFMAN, Erving. **La présentation de soi. La Mise en scène de la vie quotidienne**. Paris, Minuit: 1973.

LABES, Marília; SILVA, Gislene. A relação entre quadrinhos e jornalismo nas entrevistas desenhadas de Liniers. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 2, p. 522-532, ago. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2014v11n2p522>>. Acesso em: 30 dez. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2014v11n2p522>.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAROCCO, Beatriz. Entrevista jornalística, confissão e as neoconfissões na mídia brasileira. **Rumores**, vol. 10, p. 105-121, Jun.-Dec. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51254>>. Acesso em: 30 dec. 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2011.51254>.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

Medina, Cremilda. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus, 1988.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

OYAMA, Thaís. **A arte de entrevistar bem**. 2a Ed. São Paulo: contexto, 2014.

PRADO, Magaly; FLORESTA, Cleide; BRASLAUKAS, Ligia. **Técnicas de reportagem e entrevista**. São Paulo: Saraiva, 2009.

RUELLAN, Denis. **Le professionnalisme du flou**. Grenoble: PUG, 1993.

SCHLESINGER, Philip. Repenser la sociologie du journalisme: Les stratégies de la source d'information et les limites du média-centrisme. **Reseaux**, nº 51. Paris: Cenet, p. 75-98, 1992. Disponível em: www.persee.fr/doc/reso_0751-7971_1992_num_10_51_1926. Acesso em 3. fev. 2017. doi: 10.3406/reso.1992.1926

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: Proposta de novos critérios de classificação**. Covilhã: Livros Labcom, 2009. Disponível em: <http://www.labcom->

ifp.ubi.pt/livro/36. Acesso em 3. fev. 2017

SILVA, Fernanda Mauricio da. Entrevista no telejornalismo: configurações históricas da vigilância em programas de entrevista. **Rumores**, v. 7, n. 14, p. 62-79, dec. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/69430>>. Acesso em: 30 dec. 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2013.69430>.

SILVA, Nívea Rohling da. O horizonte valorativo do gênero entrevista pingue-pongue: o papel social do entrevistado. **Trab. linguist. apl.** [online], vol.49, n.1, p.87-99, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132010000100007. Acesso em 3. fev. 2017

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. A entrevista no jornalismo e na antropologia. Pesquisando jornalistas. In: Marocco, B. (Org.). **Entrevista na prática jornalística e na pesquisa**. Porto Alegre: Libreto, 2012, p. 15-30.

VOGEL, Daisi. Escritores em entrevista: co-autoria e disseminação. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 2, n. 2, p. 123-132, jan. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/4789/4068>>. Acesso em: 30 dez. 2016. doi: <http://dx.doi.org/10.5007/4789>.